

O AJUSTE DE CONTAS

Geralmente, quando a diplomacia se reúne em conferência para discutir as bases da paz, depois de um período de luta mais ou menos longo entre dois ou mais povos que se chacinam entre si em holocausto aos interesses dos seus exploradores e opressores quotidianos, além das costumadas desmembranças de terrenos, ou cedências de zonas de influência comercial, uma das condições é a de que a parte vencida, a título de indemnização, pague á vencedora determinada quantia para cobrir os prejuízos ocasionados pela guerra.

Na actual carnificina os aliados levam a parte de leão, não só em razão do numero dos combatentes, mas também em consequência dum conjunto de circunstâncias favoráveis á sua vitória mais que provável, certa, e, como sempre tem sucedido em idênticos conflitos, o leão sugará o sangue do cordeiro (Alemanha, Austria e Turquia), depois de lhe ter arrancado a pele.

Pelo que até hoje tem vindo a público, pelo que se tem averiguado e evidenciado, temos de convir que a agressão partiu da Alemanha a quem, por esse facto, cabe a maior responsabilidade na horrível hecatombe que táta os campos do velho continente europeu; e como, segundo a lei das compensações, é principio geral assente em direito que o vencido suportará todas as despesas feitas pelo vencedor durante o litigio, arcará com ellas a Alemanha e seus amigos, embora nem sempre a razão e a justiça estejam do lado vencedor que, mercê de um bamburrio circunstancial, fruf um direito mais que duvidoso. O caso, porém, não é bem este, visto que, afinal, a vencedora será a agressora. Mas partisse dum ou de outro lado a agressão, vencesse o agressor ou o agredido, nem dum nem de outro lado estaria a razão, nem de uma nem de outra parte estaria a justiça, pois nada justifica a guerra, sendo contudo certo que ao cabo e ao fim, ter-se-á de reconhecer a um dos contendores o direito do vencedor. Ora da Alemanha militarista não só partiu a agressão—suposição que subsiste até que com factos se prove o contrario—, mas também, durante a guerra, se tem manifestado duma forma tam bárbara que só pode ser igualada pelos cosacos da Rússia destruindo a ferro e fogo as povoações da Galícia.

Mas poder-se-há, á face da justiça, atribuir ao povo alemão as responsabilidades que um louco furioso, obsecado pela mania do supremo domínio, assumiu perante a Humanidade, atirando para a morte com milhares de milhares de homens para satisfazer os seus instintos ferinos e os caprichos criminosos da cáfila de bandidos agaloados de que se rodeou?

Não; não pode o cerebro mais obtuso e empedernido emparceirar o povo alemão com a casta militarista e assassina de que o Kaiser é o supremo chefe e concomitantemente o supremo criminoso.

O povo alemão, como todos os povos, tem os seus defeitos e as suas virtudes; tem o seu lado bom e o seu lado mau: a barbarie de que tem dado mostras durante esta guerra infame, não é uma característica sua, mas antes uma consequência logica da guerra mesma.

Responsabilisar o povo produtor, o povo que sofre e geme, o povo que foi constringido a entrar na luta contra a sua vontade; atribuir ao povo que guerreia em obediencia ás mais desumanas violencias, partilha nas responsabilidades tremendas que derivam dos actos do «louco furioso» e da camorra que o cerca, seria a maior, a mais flagrante, a mais iniqua das injustiças dos homens que a si arrogam o direito de legitimos representantes dos povos.

Muitos alemães batem-se com os seus irmãos de miséria dos países aliados porque lhes collocam ao pescoço o garrote e lhes deram a escolher entre a morte e as trincheiras. As continuas e constantes deserções para a Holanda e Suíça, países por enquanto neutrais, de soldados enfileirados nas

hostes alemãs, são a prova clara, evidente e irrefutavel de que só compelidos pela violencia tinham tomado parte na nefanda contenda em que, directa ou indirectamente, se debate a Europa inteira. Ninguém, pois, de bom senso responsabilisar um povo pelos desvarios da furia louca de um megalomaniaco e dos mais illustres salteadores e fibusteiros que constituem a sua caverna.

Mas, objectar-se-ha, quem deve pagar as indemnizações de guerra, senão a Alemanha provocadora com a invasão da Belgica para de surpresa agredir e, se fosse possível, aniquilar a França? Evidentemente a Alemanha, já que foi ella que lançou a Europa no critico momento histórico que atravessamos; mas pague-as a Alemanha militarista, a Alemanha proprietária, a Alemanha industrial e comercial constituída por abutros insaciáveis na sua sede de sangue!

O Figaro, diario parisiense, publicou ha tempos uma lista das fortunas de alguns destes vampiros, assim descriptivas:

Berta Krupp, 300 milhões de marcos; Mendelssohn, 300 milhões; Kenokel Donesmark, 255 milhões; Principe de Pless, 250 milhões; Goldschmidt, 170 milhões; Duque de West, 154 milhões; Ziese, 150 milhões; o Kaiser, 150 milhões; Duque de Brunswick, 125 milhões; Duque da Saxonia Weimar, 35 milhões; Rei da Saxonia, 23 milhões; Gran Duque de Holdemburgo, 21 milhões; Rei da Baviera, 15 milhões; Gran Duque de Baden, 15 milhões; Rei do Wurtemberg, 12 milhões; Gran Duque d'Asia, 8 milhões; Principe reinante de Saxe-nemburgo-Lippe, cuja fortuna ainda não pôde ser avaliada e muitos outros mais que não merecem menção.

A estes reis do privilégio compete saldar a conta, já que só elles provocaram a guerra e dela tiraram incalculáveis proveitos; mas o governo alemão não vai arrancar aos seus dilectos amigos o sangue metalizado de imensas gerações sucessivas de explorados, sugado e transformado em propriedade por um relativo pequeno numero de salteadores que enriqueceram sem nada de util produzir, em quanto que os trabalhadores, os produtores das imensas riquezas que eles usufruem, se estiolavam e se tuberculizavam nas fábricas em troca de um mesquinho salario, quando muito o indispensavel para não morrerem de fome, afim de, em quanto podessem dispendir esforço e energia, continuarem pela vida fóra a luta quotidiana em beneficio exclusivo dos seus maiores inimigos.

O governo alemão que é industrializado, determinado e orientado por essa alcateia de bandidos, distribuirá as despesas pelo país, sob a rúbrica de impostos directos e indirectos, para que o povo, o eterno bode expiatorio, sofra em todos os seus variados aspectos e modalidades as consequencias nefastas da louca megalomania do Kaiser e da sua troupe.

E' claro que sob este ponto de vista, os vencedores—(entre os quais também ha Krupps, Kaisers e Junkers que se tem consagrado, como escreve Jean Grave, ao trabalho exaustivo de piorar o actual estado de coisas)—do outro lado das trincheiras, diziamos nós, as consequencias equivalem-se no que respeita ao povo trabalhador. Mas esses, os fomentadores de guerras e que delas vivem, salvar-se hão agarrados á bandeira da vitória, eximindo-se, assim, ás responsabilidades inerentes aos seus actos que nada diminuem por maiores que sejam os dos adversarios.

Vencedores ou vencidos, os povos nada lucram com as guerras offensivas ou defensivas, mas sempre injustas, sempre odiosas e sempre funestas para os trabalhadores que em semelhante espectáculo desempenham o papel trunésco do lobo imbecil e ainda pagam a conta das despesas feitas pelos espectadores interessados nas orgias sangrentas das saturnais modernos.

O povo para se libertar do carro injúrio a que, pela sua dependencia económica anda jungido, e

para não ter de, com o seu precioso sangue, e pelos séculos fora, suportar as imposições das castas e classes predominantes, um único meio seguro lhe resta: aproveitar as armas e munições que as diversas burguesias interessadas na guerra lhes confiaram e fazer a Revolução Social, proclamando o regimen da igualdade e fraternidade, a que todos nós—utopistas e sonhadores, no conceito dos nossos melhores intencionados adversarios— aspirámos: a Anarquia!

Gulphares, 1915

GIORDANO BRUNO

Notas Singelas

Azafama poliqueira

Após a realização dos congressos democrático e evolucionista, acaba de se realizar o congresso unionista.

Os politicos, na ansia suprema de conquistarem o mando e o poder, preparam-se activamente para, nas próximas eleições levarem a S. Bento o maior numero de deputados. Para isso, mexem-se e organizam-se; effectuam reuniões magnas do partido e aí prometem coisas imaginárias e impossíveis: afirmam a sua amizade ao povo; dizem que baratearão a vida dos proletários e que garantirão o máximo de liberdade. Os Ingénueos que não conhecem a crónica dos politicos fiam-se nas suas patranhas e caem na arda de se deixarem ludibriar. Nós, porém, que lhes conhecemos o fundo, já nos não deixamos embalar por inflamadas e prometedoras retóricas, próprias de estanhadas personalidades. Os tiranos de ontem, os violadores das liberdades públicas e das liberdades associativas, os que encerraram nas prisões infectas da penitenciária os presos por questões sociais, são os que hoje nos veem falar de liberdade, são os que nos prometem, no futuro, um viver desafogado e feliz!

E' que pedem elles, os desinteressados, em troca do bem estar que nos oferecem? Um voto... E' um voto que essas creaturas desejam! Para isso, descem até á multidão dos famintos, a captar a sua simpatia. Uma vez servidos, esfrangalham miseravelmente todas as suas promessas para se entregarem a rétes e baixas disputas de regateiras e ao acôrimento preventivo dos afillados e dos caciques.

Um dia, o nobre e magnânimo povo que elles glorificam, cansado de esperar a realização dos compromissos tomados em tempo de eleições, resolve conquistar directamente aquilo a que tem direito, e para isso declara-se em greve, ou ameaça fazer uma insurreição. A perseguição mais feroz e negrada é posta em prática pelos dominantes. Os elementos tidos como agitadores, são acusados de estar vendidos aos monárquicos; a cólera justificada dos rebeldes é apodada de movimento conspiratório; as associações de classe onde se reúnem os grevistas, são assaltadas, os seus associados expulsos e o dinheiro dos cofres surripado democraticamente. Os porões dos navios de guerra, enchem-se de criminosos e de pados. Cá fóra, a miséria aloja-se nos lares abandonados: enquanto os pais sofrem, arbitrariamente, o despotismo odioso dos governos republicanos, os filhos e as mulheres jazem prostrados pela fome, aniquilados pelo depauperamento lento do organismo, em báitucas insalubres, em tugúios de podridão. Tragédias silenciosas se succedem! O suicidio é o refúgio das grandes dôres! A orfanade multiplica-se!

As lutas partidárias originam transformações no poder; os que ontem estavam de cima são amesquinçados pelos que então estavam de baixo; os jornais da facção estigmatizam os governantes; estes são acusados de esfrapparem a Constituição e violarem as liberdades politicas; o sentimentalismo do povo volta a ser dedilhado pela eloquência dos grandes tribunos; tudo se prepara para uma revolução. E o povo, que nada lucra, que nada tem com as pugnas dos partidos, é afinal o eterno ludibriado em todos os movimentos.

Mas desta vez, certamente, não se deixará embalar por o vosso palanfróio. O povo começa a desiludir-se e a ver que nada aproveita com as transformações politicas. Começa a compreender que quando tiver que

se revoltar será contra todos e que através os tempos o tenham enganado, quer elles estejam rotulados de salvadores, quer se estribem na força mavortica dos exercitos.

J. Salgado.

OS AÇAMBARCADORES

Em Ponte do Lima

Acabo de receber um bom punhado de informações ácerca dos açambarcadores de Ponte do Lima. Se não repugnasse á minha consciencia a forma acintosa e infame como os açambarcadores de géneros alimentícios e do milho se conluíram com as autoridades do concelho no mesmo crime, certamente não me occuparia desta importante questão.

Os negociantes de Ponte do Lima, como de resto os de todas as terras, têm aumentado descaradamente nos últimos tempos, apesar de ser momento de sacrificios, como afirmam, a tabela dos preços das coisas e, para maior chicaneria, têm açambarcado todo o milho, mandando-o para fóra e vendendo o pouco que fica por uma quantia excessivamente elevada. E' claro que esta ganancia mercantilista provocou os justos protestos por parte das classes pobres. E como a todo o individuo ou grupo de individuos produtores assiste lhes o direito de preparar-se para uma defesa enérgica dos seus direitos naturais e legítimos, os trabalhadores de Ponte do Lima inauguraram, com a adesão dos trabalhadores de Viana, um grémio de defesa dos seus interesses, especialmente contra a saída dos cereais. Justíssimo, por que se está reconhecido que o milho existente não chega para as populações do concelho da Ponte do Lima, qual a razão que se o gavia para fóra de portas! Bem sei que me veem falar já da liberdade do comércio e dos direitos de balcão. Mas actua de tudo isso estão outros direitos, os mais sagrados: os direitos das populações, dos que trabalham.

A organização do Grémio Operário de Ponte do Lima foi como um raio caído numa barriaca de alcátraz. Os negociantes e proprietários de cereais extremeceram e julgaram logo ficar desgraçados, vendo os seus celeiros invadidos por uma multidão que tem as mesmas necessidades que eles e em seguida essa mesma avalanche de povo distribuir solidariamente entre si todo o milho retido e apreendido.

Aparvalhados, na Assembleia Limarense—segundo as citadas informações—celebraram uma espécie de accordo secreto e, como uma serpente, enroscaram-se na cadeira do administrador do concelho. Tudo ordeçam, tudo fazem. Inchados, são os senhores de tudo aquilo, exercem represalias, conseguem o despedimento dos operários que mais se salientam para, pela fome, os reduzirem ao silencio. «A autoridade? Dorme; faz mais; associa-se. Está no seu papel primacial: defender a propriedade privada e o trabalho dos outros usurpado nas mãos dos privilegiados pelo moderno sistema do salario e oprimir os que carecem de pão, os que, como os outros, têm igualmente direito á vida, mas não a uma vida de privações de miséria e de escravidão.

Esta situação anormal e de repressão tem trazido em sobresalto e revolta o povo, tendo-se dado alguns tumultos. Um dia destes reuniu-se, num impulso de indignação e cheio de promessas vãs, junto da administração do concelho a fazer as suas justas reclamações.

O administrador, ante a attitude popular e fazendo-se um bom amigo das classes pobres, um excelente conciliador, um optimo entendedor do seu officio, fez mais algumas promessas para juntar ás antecedentes, mas que desta vez a todos parecia que iam de facto ter fácil realisação, atendendo ao edital que mandou afixar e que é do teor seguinte:

«Declaro que desde hoje fica proibida a passagem de milho dos Arcos, por este concelho, devendo ser apreendido qualquer que aqui passe.

Igualmente declaro que com a câmara, proprietários e negociantes de cereais se organizará dentro

do mais curto praso o celeiro municipal e que até este estar organizado não sairá mais milho do concelho.»

E' claro que isto foi a mangar com a tropa. Aos negociantes e aos proprietários dos cereais de modo algum convinha a formação do celeiro municipal, uma terrível concorrência que iria prejudicar directamente o seu egoismo estreito e eles, argumentando, pagam as suas contribuições de porta aberta e de comércio.

Os negociantes exerceram a sua natural pressão e o administrador, mudando de pensar e de caracter com a mesma facilidade com que toda a gente no fim de cada semana muda de camisa, deu ordem em contrario, isto é, fez afixar avisos que declaravam franca a saída do milho, desculpando-se ridiculamente que o edital que mandou colocar anteriormente e reclamado sediciosamente pelo povo o fez por sua espontânea vontade, pois tinha muita policia e guarda republicana ás suas ordens aquela mesma policia e guarda republicana com que ameaçou os trabalhadores de, se continuassem a fazer-se finos, os prender, mesmo quando estivessem reunidos em assembleia magna, no Grémio Operário, enquanto os açambarcadores alvitavam que os avergathassem depois.

Neste momento de excitação geral bem justificadíssima das classes pobres, apparece então um traidor chamado Eduardo de Souza. Primeiramente quiz-se tornar uma espécie de capitão das massas, andando sempre á testa delas. Ultimamente, como a questão se tornou mais aguda mercê dos trabalhadores não estarem dispostos a admitir mais falsas promessas, e começaram a agir directamente, o traidor tremeu...tremeu... não como a lágrima silenciosa do poeta, o que teria a sua respeitabilidade, mas como um poltrão, e mandou distribuir uns avisos ao público em que afirma covardemente que deixa de fazer parte da comissão que pelas classes pobres e trabalhadoras está nomeada para a solução satisfatoria da questão de milho, porque não tem temperamento possível para pagar com desdém a quem sempre o estimou e considerou e á hospitalidade verdadeiramente fidalga com que sempre o acolheram, desligando-se de tudo, por vêr a sua reputação e amizade cheia de inimidades e malquerenças, sem culpa alguma nas avarias praticadas contra cavalheiros que merecem e sempre lhe «mereceram toda a consideração», como declarou «junto do ex.º administrador do concelho».

As amizades que o traidor ia perdendo são as dos «cavalheiros de toda a consideração», e esses cavalheiros são justamente os açambarcadores que exploram a miséria alheia, e junto de quem o traidor queria que o povo se posternasse a pedir por amor de deus que o não roubem, que não adulterem os géneros, que deixem de ser tão gananciosos e não exportem o milho, andando os pobres trabalhadores—trista figura!—de Herodes para Pilatos e de Pilatos para Herodes, recebendo promessas e contra-promessas dos troça tintas, enquanto, nesta dança sem fim, a fome se avizinha. Ora os trabalhadores os que devem fazer é unirem-se e tratar da questão directamente, irem ao fim, impedirem eles próprios a roubalheira e o açambarcamento, assistindo-lhes todo o direito de, já que são impossíveis as providencias das autoridades, irem buscar, onde estiverem, os géneros armazenados em grande escala. Porque a fome não tem lei nem reconhece direitos.

Quanto ao traidor, que teme das malquerenças dos proprietários e negociantes,—colocando-se ao lado deles e concordando com a miséria do povo—e da fuga da freguezia de um seu parente que parece ser também homem de negocios é detal-o ao os tracismo como perigoso: talvez seja um espião.

Clemente V. dos Santos.

Aos colaboradores

Em virtude da abundancia de original ficaram de fora algumas correspondencias e artigos que sairão no próximo número.